

O Lucro ou as Pessoas? O Lucro, Claro. Com o Lucro Posso Comprar as Pessoas

O título deste trabalho foi tirado de um diálogo em tom de brincadeira ao receber o livro de Chomsky (2002) para lê-lo em preparação a uma aula do mestrado. Virei-me para um colega ao lado e perguntei: "O lucro ou as pessoas"? Obtive a resposta: "O lucro, claro. Com o lucro posso comprar as pessoas". Isso faz pensar. Ainda que tenha sido uma resposta em clima jocoso e de gozação, pode-se perceber aí a nítida influência que os ideais neoliberais e do mercado absoluto têm sobre as. Se há uma justificativa no mercado, então há uma razão "natural" para as coisas serem como são, há uma "verdade" a ser veiculada por essa entidade transcendente chamada mercado, há uma infindável potencialidade a ser explorada por aquilo que o mercado nos "oferece". Entretanto, e isto está implícito e é encarado como integrante da realidade: a dimensão humana deve estar sempre subordinada à dimensão mercadológica.

De fato, a dominação ou o exercício do poder dentro das organizações é um reflexo desse mesmo exercício do poder na vida social. Pode-se mesmo dizer que poder e dominação são estruturas estruturantes da realidade. Em uma perspectiva nitidamente dialética e marxista, Chomsky (2002) apresenta evidências empíricas da articulação do capital em nível mundial para exercer a sua dominação no nível local, seja alterando legislações ou manipulando a opinião pública, seja pela força bruta usada em guerras ou em ações policiais diversas. O mais interessante da argumentação de Chomsky (2002) é que a articulação não se dá por meio dos interesses nacionais ou governamentais como se poderia imaginar a partir de uma perspectiva de realpolitik tão

comum na análise política, mas pelos interesses particulares dos membros das elites dominantes. De tal forma, essa orquestração de interesses é apresentada, que se pode falar em uma única elite permeando o mundo todo, com uma única voz e mensagem a ser transmitida e martelada nas consciências individuais: "a sanção do mercado é sacrossanta e legítima qualquer ação. O mercado sabe, o mercado pode, o mercado faz".

É desconcertante observar que sua eleição como grande mediador e solucionador dos impasses sociais como vem sendo apresentado desde o Consenso de Washington e dos governos Reagan (EUA) e Thatcher (Grã-bretanha) não produziu melhores condições de vida para uma parcela maior da população mundial como repetido ad infinitum na mensagem acima. Muito pelo contrário, cada vez mais concentração de renda e aumento dos níveis de pobreza pode ser observado como aponta Chomsky (2002).

Entretanto, mais fascinante que a capacidade de articulação e de exercício direto do poder é a habilidade na manipulação da opinião pública ou, ao menos, a tentativa dessa manipulação exercida por essas elites tão bem articuladas, principalmente a partir dos EUA. Aqui vale lembrar o professor Estéban López-Escobar da Universidade de Navarra:

[...] "uma questão dominante na literatura científica norte-americana sobre a comunicação é a eficácia. O que interessa principalmente é conseguir que os destinatários das mensagens se comportem de uma determinada forma. Os aspectos relacionados com o intercâmbio, com o diálogo, foram ignorados por boa parte dos estudiosos de comunicação (e implicitamente pelos empíricos no ensino do jornalismo). Aprender a comunicar consiste, então, em adquirir destrezas sobre a elaboração de mensagens e o uso dos meios de comunicação para difundi-las, com o objetivo de conseguir que o destinatário se comporte como desejado. Por conseguinte, as falhas de comunicação são, fundamentalmente, fracassos na mobilização daqueles a quem ela se dirige" (apud BARROS Filho, 1995: 36).

Barros Filho (1995) acrescenta a esse raciocínio a objetividade aparente da cobertura mediática como meio de engendrar dois efeitos: a imposição de temas sobre os quais a sociedade vai discutir (agenda setting ou hierarquização temática dos meios de comunicação) e a imposição de opiniões dominantes sobre esses temas (espiral do silêncio). No primeiro caso, os meios de comunicação vão convergindo progressivamente sobre um tema específico, trazendo-o para a pauta da sociedade ao mesmo tempo em que desviam a atenção de outros, tornando-os obscuros, secretos. No segundo, há um progressivo silêncio sobre esse tema na razão direta da sua absorção pelos destinatários da comunicação: as pessoas cada vez menos questionam ou têm consciência das coisas e passam a dar como "natural" e "óbvio" aquilo que anteriormente era debatido ou reivindicado.

As seguintes frases do Presidente John Fitzgerald Kennedy dos EUA (1961-1963) parecem assumir um novo significado a partir dessa constatação: "não pergunte o que o seu país pode fazer por você, pergunte o que você pode fazer por seu país" (discurso de posse, 1961) e "o político é aquele que é guiado pela opinião pública, enquanto o líder é aquele que guia a opinião pública" (apud Kissinger, 1994). Teoricamente um dos maiores "mártires" da democracia, Kennedy, na verdade, parece ter conseguido mesmerizar o mundo pela força de seu carisma, enquanto de fato procurava levar os cidadãos americanos a uma espiral de silêncio. Talvez o colega que respondeu em forma de brincadeira "o lucro com certeza" nem se dê conta disso, mas também já entrou na espiral do silêncio, não está mais refletindo sobre suas próprias palavras e sobre a carga de dominação e de desatenção com a dignidade humana que elas contêm. Mais impressionante ainda é dar-nos conta de que, independente da origem da elite ou das personalidades no governo - de esquerda ou de direita -, o poder e a manipulação são exercidos da mesma forma, usando-se os mesmos artifícios e sempre que possível coisificando as pessoas ou manipulando os contextos em que as coisas são apresentadas. O atual governo federal petista, por exemplo, criou um "Serviço

de Pronto Resposta" (SPR) para que "erros de informação sempre devam ser corrigidos, mesmo os de pequena importância" (Kucinsky, 2003), ainda que esses erros signifiquem tudo aquilo que não esteja de acordo com a opinião da cúpula petista sendo veiculado na mídia. De acordo com um observador: "desde que o SPR foi criado, as redações dos jornais são entupidas de cartas. E há funcionário do governo se queixando de que não faz outra coisa na vida a não ser contestar notícias".

Isso, de certa forma, é muito decepcionante e parece indicar um beco sem saída; mas, pessoalmente, continuo a acreditar na capacidade de respondermos adequadamente às tentativas de agrilhoamento a que estamos constantemente sujeitos, ainda que isso pareça um pouco ingênuo e mesmo irrelevante frente à força a que estamos sujeitos. Um exemplo disso é insistir sempre que possível naquilo em que se acredita, "martelando na mesma tecla" tanto quanto o fazem os manipuladores da opinião pública. Pode até mesmo ser irrelevante, mas certamente é mais saudável que uma pura passividade subserviente à agenda das elites e à sua manipulação da opinião pública.

De qualquer forma, a leitura de Chomsky (2002) e de Barros Filho (1995) nos põe defronte do seguinte questionamento: até que ponto o chamado quarto poder - a mídia - pode ser erigido no fiel da balança no que diz respeito à transparência e à guarda das liberdades que deveriam dar embasamento à democracia moderna? Como pode essa democracia estar tão distante assim dos indivíduos, subjugando-os e enredando-os em sistemas burocráticos diversos? Quanto de subserviência é fruto das nossas escolhas pessoais e quanto é fruto da falta de opções outras que aquelas que estão aí? Que alternativas temos para atingirmos um ideal mais humanista como aquele dos iluministas do século XVII?

Referências Bibliográficas:

1. CHOMSKY, Noam; O lucro ou as pessoas? Neoliberalismo e ordem global; 3a. Edição; Rio de Janeiro; Bertrand Brasil; 2002;

192 pág.; ISBN: 85-286-0935-9.

2. BARROS Filho, Clóvis; *Ética na Comunicação: da informação ao receptor*; 1a. Edição; São Paulo; Ed. Moderna; 1995; 239 pág.; ISBN: 85-16-01404-5.

3. KISSINGER, Henry; *Diplomacy*; 1a. Edição; New York; Touchestone; 1994; 912 pág.; ISBN: 0-671-65991-X.

4. KUCINSKI, Bernardo; *Proposta de criação de um Serviço de Pronto Resposta: Como e quando apontar e corrigir erros da imprensa*; Brasília; Secretaria de Comunicação do Governo Federal do Brasil; 2003; 6 págs.

5. LÓPES-ESCOBAR, Estéban; *Información y libertad: de la libertad de la información a la información para la libertad in Ciencias humanas y sociedad*; pp. 603 a 615.